

Nas últimas semanas, uma fotografia que ilustrava a reportagem de um jornal de grande circulação não sai da minha cabeça. Nela vemos dois corpos vestidos dos pés à cabeça e deitados sobre a base de um monumento em São Paulo. O ato de deitar-se traz um detalhe que chama a atenção: cada cabeça está dentro de uma caixa que condiciona objetos para serem entregues. Tratam-se, portanto, de pessoas que trabalham entregando coisas de cá para lá de acordo com o desejo dos usuários de *smartphones*. O título que acompanhava a matéria contribuía com o desconforto da imagem: “12h por dia, 7 dias por semana, R\$936: como é pedalar fazendo entregas por aplicativo”.

Essa lista de números que compunham a chamada da reportagem se tratava de uma reconstrução de uma das máximas dos direitos trabalhistas e da sociedade industrial: oito horas de trabalho, oito horas de recreação e oito horas de descanso. Parece não haver mais como retornar a essa contagem do tempo proposta durante o século XX – com a disseminação dos nossos computadores de bolso, as oito horas são facilmente extrapoladas e mesmo os atos de lazer são atos de vigia. Eu posto, tu postas, nós postamos – enquanto aquela cerveja com um grande amigo da infância é trabalho na medida em que constrói ficcionalmente a sua imagem de boa pessoa, *aselfie* com o colega de escritório com quem você viaja também o é na medida que demonstra que você consegue estabelecer vínculos afetivos para além do bater de teclas diário. Em suma: é tudo trabalho e, como diria a etimologia da palavra, todo trabalho é castigo.

“Canseira”, a primeira exposição individual de Sofia Caesar, apresenta uma pesquisa que gira em torno dessas questões e é capaz de dobrá-las em imagens que apontam para direções diferentes. Quais os lugares destinados para o repouso? Logo ao entrar, nosso corpo se depara com uma grande rede que corta o espaço de forma diagonal e convida o público a tomar o seu tempo deitado. Ao subir, a impressão de conforto e a memória física mole que a palavra “rede” pode nos trazer é substituída pela aspereza do material – trata-se de uma tela de segurança. Este encontro entre incômodo e aconchego guia a exposição e pode ser visto no grupo de cadeiras de praia também destinadas para o uso do público. Sentamo-nos, observamos o espaço a partir do assento e transportamos o objeto para outras salas. Cada uma das oito cadeiras traz uma letra e podemos criar composições a partir de seu sequenciamento. Quando juntas, a palavra “trabalho” se forma: o descanso de um é o castigo do outro – assim nos ensinam as praias cariocas e as assimetrias sociais ali percebidas.

A palavra ocupa um lugar importante na pesquisa recente da artista – desde o título da exposição à proposição das cadeiras, sua escrita é sucinta: há preferência pelas palavras soltas em detrimento das frases de efeito. Nada é panfletário e o ato de escrever é enxergado como algo físico e frágil. Três móveis trazem um adjetivo e dois substantivos que compõem o campo semântico da “canseira” – girando de acordo com o vento, as letras que formam as palavras confundem a nossa leitura e nos remetem à nossa escrita diária deveras fragmentada. Vogais e consoantes giram em torno de seu eixo e se apresentam literalmente prestes a cair. Em outro de seus

objetos, uma estrutura vertical de ferro sustenta expressões que remetem a lugares e apontam para diversas direções. Estamos em todos os lugares desse inventário de situações, mas ao mesmo tempo com os pés colocados em sua sala – quais as consequências da possibilidade de se viajar para onde quisermos sem sequer nos movermos?

O terceiro e último aspecto que chama a atenção na exposição de Sofia Caesar vai ao encontro da imagem citada no começo desse texto – a representação do corpo fatigado através do uso da fotografia e do vídeo. “Workation” é uma instalação dividida em quatro telas pretas que crescem proporcionalmente: um *smartphone*, um *laptop* e dois monitores de LCD de tamanhos diferentes. O corpo da artista está presente em todos os vídeos e está associado a um objeto de repouso ou trabalho – a cadeira de praia, a rede de dormir, a mesa de escritório e os papéis jogados para o ar. Há um jogo de metalinguagem – o vídeo sobre o vídeo, a tela de celular filmada e reproduzida dentro de outra tela. Nesse sutil espelhamento, o seu corpo cria posições onde a postura ereta é derretida e reafirma a sua incapacidade de dar continuidade à potência produtiva. A praia e a rede aqui não são os lugares do prazer e do lazer, mas do torpor.

Essa relação estabelecida pela artista nos leva à sua série de lambe-lambes e ao olhar crítico impresso sobre a produção de Hélio Oiticica – artista que não apenas dá nome a este centro cultural, mas que é um dos artistas brasileiros mais conhecidos internacionalmente. É sabido que ele desenvolveu em seu apartamento em Nova Iorque cinco das suas “Cosmococas” (1973, feitas em parceria com Neville D’Almeida) e deixou instruções para a sua realização. Duas décadas depois, os projetos foram produzidos em diferentes instituições e se tornaram peças essenciais para a história da instalação.

Durante o seu processo de pesquisa para esta exposição, Caesar se surpreendeu não com as proposições de Oiticica, mas com as imagens que encontrou de escritórios de grandes multinacionais: em muitas empresas do porte, por exemplo, da Google, áreas de convivência foram criadas a fim de que não apenas os funcionários relaxassem nas pausas de trabalho, mas também pudessem trabalhar junto à sensação de estarem em lazer. Quando essas imagens são ladeadas com as proposições de Oiticica, as semelhanças formais, ambientais e mesmo da participação do corpo humano chamam a atenção – para onde foi o desejo de “crelazer”, conceito criado por Oiticica em relação às suas instalações? De quais maneiras a própria noção de instalação foi capitalizada pelas grandes multinacionais? Como o próprio artista escreveu em um de seus trabalhos mais icônicos, “A pureza é um mito” – suas expectativas românticas quanto às artes visuais e sua relação com a sociedade foram antropofagizadas e viraram, perversamente, fantasmas encontrados nas lojas Ikea.

Se nos anos 1970 Oiticica e Neville D’Almeida sentiram um eco de seus pensamentos na leitura de “Eros e civilização” (1955), de Herbert Marcuse, é possível aproximar os interesses de Sofia Caesar de outro livro, “Sociedade do cansaço”, de Byung-chul Han (2010). Os tempos são outros; a equação 12 horas, 7 dias, 936 reais nos traz a certeza de que algo deu muito errado nesses quase cinquenta anos que separam “Canseira” das “Cosmococas”.

(texto feito para a exposição “Canseira”, de Sofia Caesar, realizada no Centro de Arte Hélio Oiticica, no Rio de Janeiro, entre 05 de outubro e 30 de novembro)

In recent weeks, a photograph in the newspaper doesn't leave my mind. In it, we see two fully dressed bodies lying down at the base of a monument in São Paulo. A detail calls my attention: their heads are inside these boxes that carry things to be delivered. They are, therefore, people who work delivering things from here to there, according to the desire of smartphone users. The caption contributed to the discomfort in the image: "12h a day, 7 days a week, R\$936: how it feels to ride a bike for delivery apps".

The sequence of numbers that composes the caption is a reconstruction of one of the maxims of labor rights for industrial society: eight hours of work, eight hours of recreation and eight hours of rest. There seems to be no way to return to that sense of time proposed during the twentieth century - with the spreading of our pocket computers, the eight hours are easily extrapolated and even acts of leisure become acts of surveillance. I post, you post, we post – and so, having a beer with a childhood friend is work as it builds your image of a good person, and a destination selfie with the office colleague with whom you travel is also work, as it displays that you can establish affective bonds beyond the daily grind. In short: all is work, and, as the etymology of the word would say (in Portuguese work = trabalho), all work is punishment.

"Canseira", Sofia Caesar's first institutional solo exhibition, presents a research that revolves around these issues, unfolding them into images that point to different directions. What are the places destined for rest? As soon as we enter, our body is confronted with a large net that cuts off the space diagonally and invites the public to take their time lying down. As you touch the net, the impression of comfort and the soft physical memory that the word rede[1] gives us is replaced by the roughness of the material – this hammock is a safety net. The encounter between discomfort and coziness guides the exhibition and can be seen in the series of beach chairs also intended for public use. We sit down, we observe the space from the seat, and transport the object to other rooms. Each of the eight chairs carries a letter and we can create compositions with their order. When together, the word trabalho[2] is formed: one's rest is someone else's punishment - this is what the carioca [3]beaches and its social asymmetries teach us.

Words occupy an important place in the artist's recent research - from the title of the exhibition to the proposition of the chairs, her writing is succinct: there is a preference for loose words rather than slogan phrases. Nothing is pamphlet and the act of writing is seen as physical and fragile. Three mobiles and three nouns that compose the semantic field of the word "fatigue" - turning around according to air movement, the letters that form the “tired” words confuse our reading and refer us to our very

fragmented daily writing. Vowels and consonants revolve around their axis and present themselves in their full fragility, literally about to fall. In another of her objects, a vertical metal structure supports expressions which refer to places and point to different directions. We are simultaneously in all places listed in this inventory of locations, while our feet are rooted in this room - what are the consequences of the possibility of traveling wherever you want without moving?

The third striking aspect in Sofia Caesar's exhibition meets the image cited at the beginning of this text - the representation of the fatigued body through the use of photography and video. "Workation" is an installation divided into four black screens that grow proportionally: a smartphone, a laptop and two LCD monitors of different sizes. The artist's body is present in all the videos and is associated with an object of rest or work - the beach chair, the hammock, the bed, the office table and the papers thrown in the air. There is a game of metalanguage - the video about the video, the cellphone screen filmed and played inside another screen. In this subtle mirroring, her body falls into positions where her upright posture is melted and reaffirms its inability to give continuity to productive forces. The beach and the hammock here are not the places of pleasure and leisure, but of torpor.

This relationship established by the artist leads us to Caesar's lambe-lambe series and the critical perspective it gives to the production of Hélio Oiticica - artist who not only gives name to this institution, but who is one of the Brazilian artists best known internationally. It is well known that he developed in his apartment in New York five of his "Cosmococas" (1973), made in partnership with Neville D'Almeida, and left instructions for its realization. Two decades later, his projects were produced in different institutions becoming essential parts of Installation history.

During her research process for this exhibition, Caesar was not surprised by the propositions of Oiticica, but with the images of the offices of large multinational corporations: in many companies like Google, for example, hang-out areas were created in order that not only the employees relaxed during work breaks, but could also work while having the feeling of being at leisure. When these images are flanked by Oiticica's propositions, the formal, environmental and even of the participation of the human body call attention - where was the desire to "crelazer", concept created by Oiticica in relation to his facilities? In what ways was the very notion of installation has been capitalized by large corporations? As Oiticica himself wrote in one of his most iconic works: "purity is a myth" - his romantic expectations around Art's relationship with society were anthropophagized and became, perversely, ghosts found in Ikea stores.

If in the 1970s Oiticica and Neville D'Almeida felt an echo of their thoughts in the reading of "Eros and Civilization" (1955), by Herbert Marcuse, it is possible to bring Sofia Caesar's interests closer to another book, Byung-Chul Han's "The Burnout Society" (2010). Times are different; the equation 12 hours, 7 days, R\$ 936 comes with the certainty that something has gone very wrong in those almost fifty years that separate "Canseira" from "Cosmococas".

[1] "Rede" in Portuguese means simultaneously hammock, net, and network.

[2] "Trabalho" in Portuguese means work, artwork, and effort.

[3] “Carioca” is a word with origins in the indigenous Tupi language, and characterizes someone from Rio de Janeiro.
